Anno de 1839. Quinta Feira **19 de Dezembro. Numero 278.**

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação, e energia: continuemos como principiamos e seremos apontados com admiração entre as Nações mas cultas.

Proclamação da Assemblea Geral do Brazil.

Subscreve-se para esta folha a 3$000 por quartel pagos adiantados nesta Typografia, rua das Cruzes D. 3, e na Praça da Independencia ns. 37 e 38, onde se recebem correspondencias legalisadas, e annuncios; insirindo-se estes grátis, sendo dos proprios assignantes, e vindos assignados.

Partidas dos Correios Terrestres.

Cidade da Parahiba e Villas de sua pretenção.	Segundas e Sextas Feiras.
Dita do Rio Grande do Norte, e Villas Idem.	Segundas e Sextas Feiras.
Dita da Fortaleza e Villas Idem.	Segundas e Sextas Feiras.
Villa de Goianna.	Segundas e Sextas Feiras.
Cidade de Olinda	Todos os dias.
Villa de S. Antão	Quintas feiras.
Dita de Garanhuns e Povoação do Bonito	Dias 10, e 24 de cada mez.
Ditas do Cabo, Serinhaem, Rio Formozo, e Porto Calvo	Idem 1 11, e 21 dito dito.
Cidade das Alagoas, e Villa de Maceió	Idem Idem
Villa de Pajaú de Flores	Idem 15, dito dito.

Todos os Correios partem ao meio dia.

CAMBIOS.

Dezembro. 18.
Londres...... 32 1/2 á 33 por 1$000 ced.
Lisboa .... 80 por o/o premio, por mais offerecido.
França....... 295 reis por franco.
Rio de Janeiro ao par.
OURO — Moedas de 6$400 rs, Velhas 14$400 a 14$600
Ditas „ „ Novas 14$200 a 14$400
Ditas de 4$000 rs., 8$100 a 8$200
PRATA — Patacões Brazileiros ------ 1$520 a 1$540
Pezos Columnarios -------- 1$520 a 1$540
Ditos Mexicanos --------- 1$500 a 1$520
Premios das Letras, por mez 1 1/8 a 1 1/2 por 100
Moeda de cobre 3 a 4 por 100. de disc.

Dias da Semana.

16 Segunda ---	S. Annanias, Azarias e Misael. -	Rel. e aud. do J. de D. da 2. v. de manhã.
17 Terça -----	S. Bertholomeo de S Germin. -	Relação e Aud. do J. de D. da 1. vara de manhã.
18 Quarta ----	Temp jej. N. S. do O'. -----	Sessão da Thez. Audiencia do J. de D. da 2. v. da
19 Quinta ----	S. Fausta. ------------	Rel., e aud. do J. de D. da 2. v.
20 Sexta -----	T. jej. S. Domingos de Silos Ab	Ses. da Thez. e aud. do J. de D. da 1. v.
21 Sabbado ---	✻ Temp. jej. S Thomé Ap. --	
22 Domingo	4. do Advento S. Honorato M. ---	

Mare cheia para o dia 19 de Dezembro.

As 3 horas e 42 minutos da manhã — As 4 horas e 6 minutos da tarde.

DIARIO DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 16.

Officio — Ao Commandante das Armas, significando-lhe que, convindo fazer remover o Capellão da Ilha de Fernando, conforme requisita o respectivo Commandante: cumpre que convide por meio de annuncios publicados pela imprensa, a alguns dos Reverendos Sacerdotes desta Cidade, que quiserem ir servir de Capellão na dita Ilha, devendo declarar em taes annuncios os vencimentos que as Leis actuaes mandão dar aos referidos Capellães, e commodidades que ali se lhes proporcionão.

Dito — Ao Inspector da Thezouraria da Fazenda, para mandar aprompfar os generos e drogas medicinaes indicadas nas duas requisições que se lhe remettem, do Commandante da Ilha de Fernando, a fim de que seja tudo para ali remetido na primeira occasião de embarcação.

Dito — Ao Inspector da Thezouraria das Rendas Provinciaes significando-lhe em resposta ao seo officio de 4 do corrente sobre a forma porque devem ser pagos os ordenados dos Empregados Provinciaes vencidos no mez de Outubro; que pode mandar fazer todo em prata não só o pagamento dos ordenados do dito mez de Oltubro, mas tambem o dos mezes seguintes, em quanto houver dinheiro sufficiente.

Dito — Ao Administrador Fiscal das Obras Publicas, para fornecer ao Commandante da Companhia de Operarios engajados, o taboado que se requisita para o soalho das casas do Quartel da dita Companhia.

Dito — Ao Commandante da Companhia de Operarios Engajados, communicando-lhe a expedição da ordem supra.

Dito — Ao mesmo, declarando-lhe em resposta ao seu officio de 13 de Novembro ultimo, em q' solicita saber se se deve abrir o assentamento aos operararios da Companhia, do dia do engajamento ou da sua chegada a esta Cidade; que deve abrir tal assentamento do dia da chegada.

Dito — Ao Inspector Geral das obras Publicas, respondendo-lhe que deve mandar restabellecer as mãos de força que sustentão as pilastras das varandas da Ponte da Magdalena, e as demais peças que se achão fora de seus lugares, cumprindo que mande quanto antes fazer este trabalho, afim de que a dita Ponte se não arruine.

Dito — Ao Reverendo Vigario da Freguesia de S. Pedro Martyr de Olinda, actorisando-o para fazer effectiva a arrecadacão das sommas que alguns dos seus parochianos subscreverão para as obras da sua Igreja Matriz, applicando o seo producto ao reparo do teto da mesma Igreja, e louvando-o pelo zelo que tem mostrado para a reedificação da sua Matriz.

Dito — Ao Inspector do Arsenal de Marinha, auctorisando-o á vista do que representou em seu officio de 11 do corrente para proceder á matricula dos Jangadeiros, Balseiros Canoeiros, e mais pessoas empregadas nas Embarcações miudas do trafico dos Portos desta Cidade, assim como a numeração das vellas das respectivas Jangadas.

Portaria — Ao mesmo para mandar entregar a ordem do Administrador Fiscal das obras Publicas, a pedra de calcar vinda da Ilha de Fernando no Brigue Jupiter.

Dita — Ao Administrador Fiscal das obras publicas, para mandar desembarcar a pedra de que trata a precedente portaria.

THEZOURARIA PROVINCIAL.
ANNUNCIO.

A Thezouraria Provincial paga nos dias 19, e 20 os ordenados do mez de Outubro aos Empregados que perceberem emolumentos.

Thezouraria Provincial de Pernambuco em 18 de Dezembro de 1839.
Evaristo Mendes da Cunha e Azevedo.
Fiel do Thezoureiro.

Diversas Repartiçoens.

ALFANDEGA DAS FAZENDAS.
EDITAL.

Vicente Thomaz Pires de Figueirêdo Camargo, Inspector d'Alfandega, faz saber que no dia sexta feira 20 do corrente, se hade arrematar em basta publica, e na porta da mesma, ao meio dia, quarenta e oito cadeiras de jacarandá, no valor de 240$ rs. duas comodas de dito, no valor de 112$000, dous camapés de dito, no valor de 45$000 rs, impugnados pelo Amanuense Manoel da Fonceca e Silva, no Despacho por Factura de Francisco Zacarias de Moraes, sendo o Arrematante sugeito ao pagamento dos Direitos.

Alfandega 17 de Dezembro de 1839.
Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo

O Brigue Portuguez Flor de Beirys, vindo do Porto, entrado em 16 do corrente Capitam Antonio Gonçalves Maia, consignado a Joaquim d'Amorin.

Manifestou o seguinte.

26 Barricas com sevada, 2 caixas com pedras de afiar, 73 feixes de arcos de páo, 14 caixas com ferrajem, 3 fardos com alhos, 3 caixas com livros impressos, 1 caixote com uma imagem, 15 dusias de taboas de pinho, 100 feixes de cunhetes abatidos, 30 rodas de arcos, 75 liames de vime, 65 barris com ferrajem, 5 fardos com capaxos, 1 caixote com meias de linho, 71 barris com vinho, 1 caixote com fio de vella, 2 ditos com linhas, 1 dito com ameixas, 1 dito com macas para chapeos, 36 barris com carnes, 1 caixa com noses, 4 ditas com tamancos, 1 dita com violas, 2 ditas com obras de prata, 14 pipas com vinho, 1 secretaria, 3 fardos com fasendas, 6 caixas com drogas, 1 barril com azeite dóce, 5 caixas com dóce, 1 barrica com batatas, 4 caixas com ferrajens, 2 fardos com peneiras, 4 milheiros de sal, 24 fardos com archotes, 4 caixas com pomada, 1 Fardo com castanhas, 2 saccas com feijão, 3 caixas com miudezas, 15 ditas com alhos, 234 cadeiras, 22 mezas, 1 caixa com espelhos, 14 comodas, 7 soffás, 2 escadinhas, 8 caixas com chapeos, 3 camapés, 3 caixotes com volantes, 13 ditos com vellas de sébo, 3 barris com biscoito, 1 fardo com palhoca, 7 saccas com sevada, 1 caixa com fasenda d'algodam, 5 ditas com nozes, 1 dita com fio de vella, 33 canastras com frutas, 2 barricas com castanhas, 7 ditas com nozes, 3 caixas com ferrajem, 10 ditas com fasendas, 6 barricas com linhaça, 8 ditas com aduellas, 16 feixes de arcos, 1 caixas com papel, 4 barris com carnes, 60 ancoretas com azeitonas, saccas com rolhas, 4 caixas com alhos, 1 dita com obras de prata, 2 ditas ignora-se, 3 embrulhos dito, 2 saccas com nozes, 270 restеas de sebollas, 19 ditas de alhos 2 gaiolas com pasaros.

O Brigue Escuna Brazileiro Laura primeiro, vindo do Havre de Graca, entrado em 6 do corrente Capitam Luis Ferreira da Silva Santos, consignado a Firmino José Felis da Rosa.

Manifestou o seguinte.

200 Volumes com diversas fazendas, 115 barris com manteiga, 1 barril com vinho, 50 ditos com vinho 41 caixas com queijos, 3 cestos com azeite, 23 volumes com drogas 2 ditos com commestiveis, 50 caixas com vellas de cebo refinado, 1 chapeleira, 1 baretinas, 2 caixas com bixas, 1 dita com miudezas, 1 dita com frutas, 1 dita com 3 chapeos de senhora, 1 dita com livros, 1 dita ignora-se, 2 ditas com musica.

— A Pauta he a mesma do numero 265.

MEZA DO CONSULADO.

— A Pauta he a mesma do n. 277.

EDITAL.

A Camara Municipal da Cidade do Recife.

Faz saber que o prazo de 60 dias marcado no Artigo 1. das Posturas Addicionaes da Policia Sanitaria da Cidade, e seus Suburbios principia á decorrer desde o dia, em que se mandou executar, e publicar as mesmas Posturas.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandou á Camara fazer o presente Edital que será publicado

Paço da Camara Municipal em Sessão extraordinaria de 16 de Dezembro de 1839.
Joze de Barros Falcão de Lacerda.
Pro Presidente.
Fulgencio Infante d'Albuquerque e Mello.
Secretario.

Correspondencia

Srs Redactores.

Tendo apparecido em seu Diario de 7 do corrente huma carta do Sr. Coronel Bento José Lamenha Lins, em a qual diz este Sr., que hum dos facultativos, que trataraõ a sua Senhora em sua enfermidade foi Silva; como haja mais de hum desse nome, e pelo simples nome de Silva, não se possa precisamente saber qual delles foi; rogo a Vms. tenhaõ a bondade de dar publicidade a estas poucas linhas, para que, tirando o equivoco á meu respeito, aquelles que tal carta leraõ, saibaõ, que eu não tive a honra de ser chamado para ver a dita Senhora em occasião alguma no curso de sua molestia. Sou

Seu Ven. e amigo
Francisco José da Silva.

Senhores Redactores — Não é muito para estranhar, que as reflexoens, que expendemos em hum Communicado inserto em hum dos seus proximos passados Diarios, fossem mal acolhidas por aquelles, que nenhuma idéa tem da sciencia economica. Não nos admiramos, que pessoas taes taxassem nossas ideas d'absurdas, inapplicaveis, e ainda mesmo como parto d'huma penna venal; a pezar de termos por fim, com o que dissemos, evitar o mal que se quer fazer a nossa cara Patria, rejeitando o commercio francez. Nada disto nos admira Snrs. Redactores, como vermos o Snr. Recifense, que dá a conhecer, que tem conhecimentos, e principalmente da materia, que involve o nosso communicado, appellidar-nos d'abstracto; negar a toda luz, a applicação, que fizemos das nossas curtas ideas ao cazo em questão; e mais que tudo querer combater os nossos argumentos, com consequencias forçadas, e idéas mui vulgares, e que são na realidade verdadeiros prejuizos

Não nos cançaremos Snrs. Redactores em mostrar ao Snr. Recifense, que não fallamos abstractamente, e que o nosso communicado ferio a questão do commercio francez, e dest'arte a pontamos aos nossos patricios o errado trilho, que querem seguir na reivendicação do Oyapoch; por quanto não basta, que o Snr. Recifense sem a menor prova, o contrario affirme; é preciso para que nos convença que erramos, que apresente as razoens em que bazea sua asserção; do contrario, em nossa conciencia temos, que o Sr. Recifense não nos entendeo; talvez que por falta de clareza da nossa parte, ou mal exposição no que dissemos: não o duvidamos, e nem temos a bazofia de saber escrever para o publico.

Posto que nada nos convenha dizer d'abstração do nosso communicado, descoberta pelo Snr Recifense; todavia não deixaremos de acceitar a luva, que nos lança a respeito da doutrina com que nos quiz contestar, visto que são essas mesmas idéas, que em nosso communicado procuramos destruir, e muito nos interessa, que não predominem.

Quando fallamos no nosso communicado da utilidade, que presta a moeda, foi para mostrar o principio regulador do seu valor; e dahi concluir, que não nos é prejudicial o commercio, que se faz com moeda; mas não affirmamos, nem do que dissemos se devia concluir, que queremos, que a nossa moeda seja sempre exportada em troca d'objectos, cujo consummo é rapido, e nenhum valor deixa depois de gozados. O que compramos aos Francezes, não são somente mercadorias desta especie, outras tambem nos importão elles; mas nem por isso a importacão, e consummo das primeiras nos prejudica. Ellas tem o mesmo valor, que o dinheiro, que damos em troca; e são as mais uteis para animar a producão, e por em actividade maior quantidade de trabalho; fonte da riqueza, e prosperidade das nações.

Sabe o Snr Recifense, que o que determina o valor das mercadorias são os gastos da producão Sabe mais, que entre nós o commercio é livre, e que sem empecilhos, e previlegios é feito o commercio francez; logo hade concordar comnosco, que as mercadorias francezas, pela competencia do mercado, se reduzirão ao valor determinado pelos gastos de sua producão; e conseguintemente se convencera que o aparelho de filagrana, que nos trouxe por ex. se venderá aqui justamente, pelo que custou a produzir; que vem a ser esses 100, ou duzentos mil reis por que o compramos. Outro qualquer aparelho, que tivesse mais ouro, e menos feitio, poderia ter o mesmo valor, que esse de filagrana; porque o valor do excesso do ouro neste, bem pode ser hum equivalente da mão d'obra naquelle. Assim não ha desigualdade de valor, entre o aparelho de filagrana, e o

dinheiro porque o compramos; nem tambem entre este apparelho, e um outro, que tendo mais ouro, e menos feitio, custasse o mesmo dinheiro. O valor das mercadorias não está na razão directa da materia nellas contida. Se o Snr Recifense quer medir o valor pela utilidade (no que não concordamos), que nos presta o artigo, que compramos, então lhe diremos. que o aparelho de filagrana, de que falla, podia ter hum valor mui subido; porque, sendo a utilidade a qualidade que tem as coisas de satsfaser as nossas necessidades, o valor de utilidade vem a ser eventual, e variavel; porque as nossas necessidades tambem o são; mormente as que se denominão facticias. Huma Senhorita, por ex., para satisfazer a necesssidade de se adornar, não teria duvida, de sacrificar na compra d'huma joia o pão quotidiano e dar por ella tudo quanto lhe pedissem; entretanto qne nós, ou o Snr Recifense, não tendo esta necessidade, avaliariamos essa joia, pelo que custou aproduzi-la; e por este mesmo valor certamente não a comprariamos; porque não temos necessidade della Em todo caso porem, devemos ficar certos, que o mercador de joias pouco se importa com a necessidade de quem compra; e não será por ella, que elle regulará o valor de sua mercadoria; mas sim pelo que lhe custou a produzir.

Dá o Snr. Recifense muita importancia as mercadorias d huma longa duracão, lamentando o tempo das cadeiras do Porto, e parece-nos, que suppoem, que o Brazil vai em decadencia, por consummir objectos, que rapidamente desaparecem. Não somos da sua opinião; e provaremos, que o consummo destes artigos, é o mais util para accelerar a producão, e empregar trabalho; e conseguintemente para augmentar a riqueza.

O effeito do consumo improductivo é a destruicão de valores; e deste consummo não se colhe mas, do que o bem estar, o gozo, e a satisfação, que elle procura. Mas nem por isso devemos concluir, que elle é damnoso, e q̃ será tanto menos prejudicial, quanto mais lento for, ou quanto menos necessidade se satisfazerem, e mais duração tiverem os objectos destinados a elle.

Quando quem quer que consomme tem rendimentos para consummir muito, somente a satisfação de grande numero de necessidades será hum estimulo para por em actividade esses rendimentos. Hum homem rico criando necessidades, para as satisfaser, elle administrará os seus bens o melhor possivel porá em giro o seu dinheiro; e especulará de todas as maneiras, e com todas as suas forcas Convem pois criar o maior numero possivel de necessidades; ainda que sejaõ facticias; por que, posto que estas nada deixem depois de satifeitas, deixão todavia ao paiz estabelecimentos de lavoura, de manufacturas e commercio a que derão creacão para as satisfazer A unica maneira d augmentar a riqueza diz hum Economista. é promover essas necessidades facticias. essa procura de commodidades; esse gosto dos infeites; esses vãos consummos, que estimulão a actividade do trabalho, e multiplicão os meios de o alimentar.

Se o consummo sempre se fizesse com objectos de grande duracão; e fossem estes preferidos, para se não multiplicarem as necessidades; o resultado seria a mingua dessas mesmas necessidades, e com ella appareceriño effeitos oppostos aos que referimos. Appareceria a perda do estimulo para o trabalho; o desleixo na administração dos bens; e conseguintemente a diminuicão nos rendimentos A industria de sua parte nada ganharia com essa demora na repetição dos gozos; porque o consummo seria menor e mais vagaroso A terra, e o trabalho perderião as rendas, que virião d'huma rapida producão; e os obreiros desempregados não acharião recurso na economia dos consummidores; por isso que os rendimentos destes diminuirião, por falta de estimulo para o trabalho. Crer que huma nação não faz negocio se não quando recebe huma mercadoria mais duravel do que aquella, que ella deo em troca, é perder totalmente de vista o nexo complicado da maquina social, e se deixar enganar pela falsa idéa, que as nações se enriquessem por privações, e empobressem pelos dispendios como acontece com os individuos. E verdade que se se consummissem objectos d'huma longa duração, haveria huma acumulação progressiva d'objectos uteis. commodos, e agradaveis, que virião augmentar a riqueza do paiz; mas para que a producão, a proporção desta acumulação, não diminua sua actividade, e a nação não venha a retrogradar ou a ficar estacionaria, é preciso. que esses objectos apenas percão o attractivo da novidade, percão tambem no valor. e sejão preferidos por outros, ou vão satisfaser as necessidades das classes inferiores, onde tam bem convem, que se não demorem. Temos por tanto mostrado, que nada perde huma nação no progresso de sua riqueza, por consummir o mais possivel, e consummir, productos de pouca duracão. Resta-nos acrescentar, que o consummo, que satisfaz o maior numero de necessidades é o unico desejavel e o que se quaduna com a natureza humana e finalmente o que preenxe o fim para que o homem foi criado: por quanto elle nasceo para gozar e gozar o mais possivel.

" A felicidade do homem, diz o Sry, está intimamente ligada com o sentimento de sua existencia, e o desenvolvimento de suas faculdades; mas a plenitude d aquella, e o melhor exercicio destas está na razão directa da producão, e consummo do mesmo homem

. . . . Quando o homem faz parte de huma sociedade civilisada, suas precisões crescem em numero e variedade Em qual quer caso, e seja qual for a posicão em que elle se ache ha vida, não pode sustenta-la, sem que ao mesmo tempo satisfaça as necessidades que ella acarreta: pois que estas multiplicão os gozos Amoderacão nos desejos e o soffrimento de privacões é virtude de carneiro. O homem deve se procurar legitimamente aquillo de que carece; e bem pode affirmar-se que as nações falta menos industria, que necessidades "

Muito receia o Snr. Recifense o excesso do luxo; e os seus receios o conduzirão ao ponto de cahir em huma contradição palpavel. porque tendo dito, que aprovava o luxo moderado, o luxo de commodidade, o luxo de decencia, e que tende sempre para o util, receia ao mesmo tempo, que o luxo que com o trabalho fosse satisfeito, que é o justo, e o recommendavel, produza afinal as dividas, os calotes e o furto!

Os argumentos, que agora expendemos para sustentar a vantagem de se consumir o mais possivel; e o que dssiemos no nosso commonicado, pro ão exuberantemente a vantagem do luxo na producão da requeza, razão porque lhe damos toda emportancia. Por tanto suppomos ter dito quanto basta para desmentir todos os argumentos em contrario s Somente acressentaremos agora, que não deixamos de conhecer. que encarado o luxo relativamente aos seus effeitos moraes, elle tende a notrir no homem a enclinacão para o egoismo, em prejuizo das affeições nobres, e generosas bem como que seu exemplo é contagioso, que excita as paixões, anima os vicios, e muito outros males sociaes, que são a consequencia necessaria da grande multiplicacão da requeza, e de huma commonicacão mais frequente entre estas duas classes de homens tão defferentes; huma das quaes é atormentada da necessidade de gozar, e a outra da necessidade de subsistir. Mas si estas concederações entrassem no calculo de producão da requeza, aquestão de saber-se qual a proporcão entre a virtude; e o vicio, em huma nação votada a pobreza, ou em huma nacão que tem chegado ao mais alto grão de opulencia sendo resolvida em relacão a moral. a favor da nação pobre, decidiria que se divia ser sempre pobre; e converia então proscrever o estudo da Economia Politica, como immoral em seu objecto; pois que esta sciencia se propoem a indagacão, e a exposicão dos meios, que conduzem hum povo ao mais alto grão de requeza a que sua posicão lhe premitte chegar E havirá quem nisto concorde? Não certamente.

Nada acresentaremos, alem do que dissemos no nosso communicado, em abono do commercio a retalho, que entre nós fazem os Francezes; porque tambem nada disse o Snr. Recifense, que destruisse o que dsisemos a este respeito Quanto aos tractados, nós tambem queremos que elles se cumprão; mas que se cumprão, e se ratifiquem sem prejuizo nosso.

Temos respondido ao Snr. Recifense, e lhe declaramos. assim como a outro qualquer que queira contestar o que temos dito que não estamos dispostos a entrar em polemica e por isso não escreveremos mais sobre este objeto.

Hum Olindense.

Variedades.

A CATALEPTICA.

Prodigio Muzical.

Muito tempo ha que o magnetismo e o somnambulismo não occupavão a curiozidade publica fazendo prodigios, mas nem por isso aquelles que nelle tem fé. e que o praticão e professão deixarão de ser fieis ao seu culto e de advogar a sua cauza. O Dr Frapparte publicou ultimamente sobre esta materia algumas cartas dirigidas a MM. Arago, Bonillaud, Broussais, etc., que fizerão sensacao no publico. M. Azais. o tão conhecido autor do systema das compensações, deu tãbem a luz, não ha muito tempo, huma obra sobre o magnetismo e o somnambulismo cuja subscripção foi feita pelo ministro do interior

Muito tempo ha que achando-nos em Lyon. fomos convidados a ir á casa de Mme de Saint-P...., para ensaiar sobre essa Snra. accommettida de catalepsia, o poder do canto e da musica instrumental Vivia ella nas alternativas mais vivas passando do estado de languidez e indisposição ao de convulsões, de que não sahia se não para cahir no estado de morte apparente.

Neste estado de catalepsia, estava estendida sobre hum leito, com os olhos feichados, não dando signal algum de vida. a não ser as palpitações do coração, e as pulsacões do pulso. que não erão mais precipitadas do que no estado normal. Podia ficar nesta situacão, sem alimento algum durante oito, quinze dias, hum mez, e até mais

Estava na mais perfeita immobilidade: o rosto. naturalmente palido, corava alguma cousa quando ouvia muzica. e por pequenos esforcos sem effeito, por cauza da fraqueza em que estava, tentava de sentar-se na cama quando se cantava ou ouvia sons de instrumentos. Mas os effeitos da melodia ou armonia só tinhão lugar quando os que lh'a fazião ouvir se punhão em communicacão com ella por meio de huma corrente de latão que do punho de cada executante ia tocar a doente no pé ou na ponta do dedo, por levemente que fosse Sem isso huma orchestra de quinhentos instrumentos, e outros tantos cantores, com acompanhamento de duas peças de artilheria de 48 teria podido executar ao pé da doente sem perturbar de forma alguma o seu profundo somno

A maior parte dos medicos da cidade tinhão vindo verificar os symptomas admiraveis dessa molestia, cujos effeitos procuravão explicar; e observavão com curiosidade, e no interesse da sciencia os differentes phenomenos que a cada instante aparecião. O nome e exposicão da doente na sociedade. a fortuna que possuia, a linda casa que possuia e habitava ao pé da collina de Fourviere excluião qualquer suspeita de impostura Mas ha espiritos fortes que só admittem couzas extraordinarias quando, como S Thomé podem tocar-lhes com o dedo, e estes manifestavão duvidas no meio da multidão de crentes arrastados pelo Doutor Petit e toda a faculdade de Lyon, que explicavão como podião o mysterio physiologico, e, em certa maneira, metaphysicamente pathologico

Huma vez admittido o principio, a evidencia obrigava a admittir as extraordinarias consequencias de estado tão anormal

Mme. de Saint-P .. sabia cousas que nunca aprendera, via o que se fasia por detraz della; disia o que continhão cartas escriptas em todas a sorte de linguas mortas ou vivas, q' nunca soubera.

Os que houvião taes asserções abanavão a cabeça como incredulos, ou procuravão convencer-se pela experiencia. Esta confundia a sua razão, mais confirmava as declarações dos facultativos

O autor deste artigo, que era dos ultimos, afirma. debaixo de palavra de honra, que algumas experiencias que fez o deixarão intimamente convencido de que a predisposição para o que se chama dom de segunda vista, ou de adevinhação, não he huma chimera, ou alguma dessas patranhas calculadas para fazer nascer no homem a necessidade do maravilhoso

Pegando com cada mão em uma fruta differente, disse acataleptica:

– Tenho nas minhas mãos duas fructas de especie differente, huma cereja e hum morango; está a cereja na mão direita?

– Sim

– E por conseguinte está o morango na mão esquerda?

– Sim.

Convidado então por hum dos medicos, aquelle que escreve estas linhas, retirando-se para o vão de huma janella, a fim de separar-se de toda a gente e de subtrair-se aos olhos dos curiosos, atrazou os ponteiros do seu relogio que indicavão meio dia, e pôl-os nas nove horas Depois, tendo o relogio fechado na mão, e chegando-se para a doente perguntou-lhe se no relogio era meia dia.

– Não.

– Onze horas?

– Não.

– Oito horas e meia?

– Não.

– Nove horas e tres quartos?

– Não.

– Nove horas?

– Sim!

Damos aqui a maneira porque devia ser feito o interrogatorio, afim de que fossem as respostas muito curtas, visto que, no estado em que se achava Mme de Saint-P..., estendida sobre huma cama com os olhos feixados, e não fazendo movimento algum. não dissertar longamente sobre as perguntas que lhe fasião Note-se ainda que estas perguntas podião ser feitas em voz alta ou mentalmente. e foi desta ultima maneira que lhe forão feitas as que se acabam de ler, e algumas outras que lhe dirigimos do mesmo modo, isto he, sem articulação oral, e só movendo os labios em silencio sobre a corrente de latão que nos punha em communicacão com ella, que era o que bastava para lhe fazer comprehender o nosso pensamento.

Alguns imprudentes dirigirão-lhe sobre o seu casamento. que não fora feliz, gracejos e algumas perguntas indiscretas que a fizerão corar e resmungar

De resto a muzica produzia, como está dito sobre Mme. de Saint-P. .., o effeito mais doce mais agradavel, ao mesmo tempo mais salutar; mas, como se lhe não podia fazer ouvir muzica continuamente, só a tiravão do seu estado de morte para tomar alimento; depois levavão-na para huma cama, cujos quatro pés descancavão sobre quatro páes de resina; e ali a estigmatisavão por meio da machina pueumatica, o que lhe arrancava gemidos e gritos, mais pelo menos tirava-a do seu espantoso letargo

As pesssoas de espirito positivo e mathematico hão de ter tudo isto por impossivel; mas o que se segue lhes parecerá ainda muito mais extraordinario

Assim como a tisica, o aneurisma, a loucura, a gotta, que, segundo affirmão, deixão huma geração para acommetter a seguinte, sem que porisso deixe de ser molestia hereditaria, do mesmo modo a catalepsia se transmitte tambem de pai a filho, ou de mãi a filha. Mme de Saint-P .. deu o ser a huma filha que se acha acommetida da mesma infermidade, ainda mais extraordinaria do que a da sua mãi por seus resultados.

Esta moca que sabe perfeitamente musica, já teve alguns ataques de catalepsia. Se não mostra intelligencia tão extensa, e conhecimentos tão universaes como sua mãi, em seus accessos de catalepsia, as suas faculdades muzicaes, já muito desenvolvidas tem huma persepção tão profunda e tão maravilhosa, que, quando esta no seu accesso de morte, e que communicão com ella pela corrente de latão, basta fazer-lhe vibrar (e ao acaso he que se deve este conhecimento) hum diapasão ao pé do ouvido, para que logo module em meia voz cantos de ineffavel docura, de regularidade perfeita, e de variedade infinita. Depois de cada huma dessas melodias cheias de hum vago delicioso, e frescas como a brisa da tarde, pronuncia suspirando, em voz mui beixa, e como animada por santo enthusiasmo, os nomes de Rossini. de Meyerbeer, d'Auber, etc, etc.

Admirado de lhe não ouvir algumas melodias de Baialdieu de Belini, de Schubert, d Herold, hum muzico lhe perguntou por que não fallava destes illustres compositores.

– Mortos! mortos! disse

– Mas os cantos que fazeis ouvir não são de Meyerbeer, nem d'Halevy, nem de Chopin.

– Sim, sim!

– São pois novos?

– Sim

– Conhecidos?

– Não.

E querendo graceiar parodiando hum verso feito sobre hum poeta do seculo XVIII.

– Talvez, disse o interlocutor á joven cataleptica:

Récitez-vous les chants qu'ils composent encore?

– Sim sim.

– E talvez mesmo os que hão de compor?

– Sim, sim, sim.

E por tanto, compositores de todas as classes, de todas as idades, de qualquer sexo e de qualquer merecimento que sejaes, ficai entendendo que graças á catelepsia enfermidade extraordinaria; prodigiosa pasmosa mas felismente muito rara a vida privada intima artistica e soltaria já não está deffendida por muros, como o campo de Marte.

Dr. Yrneh Drahcnalb.

(Gazette Musicale).

(Do Jornal do Commercio)

PRESENTIMENTO.

Uma percepção, que eu tenho tido, novamente se me apresenta a o espirito; lembro-me della; reconheço, que esta percepção é a mesma, que tenho tido: eis a reminiscencia, e a memoria Quando estas ideas se simplificaõ, parece, que se não encontra nos actos destas faculdades de nossa alma mais que uma sensação continuada, porem obscura durante um maior ou menor intervallo Como chamaremos pois este acto d alma, que se nos representa, como uma sensação futura? Este acto não será, propriamente fallando, uma sensação prevenida e antecipada, que não differe d uma sensação real, relativamente á alma, se não pelo juizo, que della se faz?

Temos dito em outra parte que ha um ponto, onde a loucura toca o bom senso, como ha outro, onde o somno toca o despertamento; que o louco é um homem, que sonha, quando está acordadó isto é, que não distingue entre as sensações e as chimeras de sua imaginação. Aqui concideramos o homem encarando uma representacão qualquer, como se fosse uma sensacão futura, que elle conhece mui bem não ser actual, mas que elle a encara como certa

O homem julga de seu estado presente, e de seu estado passado com um grão, quasi igual, de clareza e de certeza: mas como pode elle julgar do mesmo modo de seu estado futuro, ou d uma parte deste estado? O que é futuro é sem duvida uma continuação daquillo que existe; do mesmo modo, que aquillo. que existe, deve ser uma continuação do que tem existido. Esta cadeia de causas e de effeitos, que se não pode destruir sem substituir-lhe um fatalismo. cem vezes mais obscuro. por mais difficil que seja o concilial-a com a liberdade; é tão necessaria, que seria preciso renunciar a todo o raciocinio, se ella podesse ser contestada.

E' mesmo algumas vezes mui facil o mostrar, como o presente está ligado a o passado Por mais forte, e por mais extravagante. que seja a imaginação d um homem, não lhe é mui difficil com tanto que elle applique a attenção o descobrir a ligacão de suas ideas presentes com suas ideas passadas.

Se pois a mesma cadeia, que liga o meu estado actual a todos os estados precedentes. o liga tambem a todos os estados futuros, é indubitavel, que, se meu estado presente fosse differente do que é, todos os estados futuros por onde devo passar, seriaõ differentes do que elles são effectivamente. Por tanto meu estado actual, cheio de todos os meus estados futuros, deve conter em si as rasões de tudo o que compozer o meu futuro. Se eu encarar o meu estado actual todo inteiro, e o estado actual de todos os entes, que obraõ, e obraráõ sobre mim, verei o meu estado futuro inteiramente determinado.

Entre as causas, que concorrem a determinar os differentes estados, porque passo, ha umas mais compostas que outras. Um mesmo effeito, produzido pelo concurso de muitas causas poderia, com outras circunstancias sel-o por uma só ou por meio d um mais pequeno numero de causas Quanto mais estas causas productoras forem compostas, menos facilidade haverá em conhecer-se o effeito, que dellas resultará Eis a rasão porque o acontecimento engana aos homens os mais prudentes; a complicacão das causas é mui grande; o estado d um ente qualquer, principalmente d'um ente racional é um estado. sobre que influe mui grande numero de causas Um homem está ligado com tudo, que existe.

Entretanto ha causas preponderantes; e umas, que obraõ com tanta fortidão, que as causas concomitantes não podem influir muito Se succede porem, que estas causas concorraõ a produzir um mesmo effeito, parece, que nenhuma tem existido se não a causa activa: e, pelo contrario, ellas se encaminhaõ a produzir effeitos oppostos, a preponderancia d'uma destas causas é assaz grande para que a actividade das outras seja imperceptivel Bastará pois em igual caso conhecer esta causa preponderante a fim de se poder prever o effeito. E' deste modo que, vencendo o sentimento o raciocinio, subjugando as paixões, os gostos e as inclinações naturaes, é-nos facilimo julgar o que farão, em certas circunstancias, os homens. que conhecemos bem

O que nós prevemos, quando se nos representaõ claramente o effeito e as causas é um raciocinio, é – previsão; – o habito de conformar nossas acções com este modo de prever é o que se chama – prudencia – aqui é a rasão, ajudada da experiencia, quem, dando attenção ás circunstancias actuaes, advinha ou prevé o acontecimento, que ellas preparaõ, ou produzem. Mas são mui differentes aquellas supposicões, que são ou esperanças, ou temores ellas não são o effeito d um raciocinio; não são ideas distinctas, quem as tem feito perceber, são as ideas confusas, filhas da imaginação, quem as tem produzido Esta supposicão, que se tém d algum acontecimento futuro, sem que se possaõ determinar as causas, é o fructo d'uma inclinacão mais ou menos decidida em occuparmo-nos do futuro.

Não é difficil conceber, como os homens, sempre occupados de desejos, sempre governados pelas paixões, e sempre mui preguiçosos, ou mui fracos para terem o cuidado de distinguir as ideas confusas, que os inquietaõ; não é difficil, digo eu, conceber, como os homens tomaõ por – presentimento – a apprehensão ou desejo confuso d'um acontecimento possivel. São meninos, que se occupaõ d um fantasma, ao qual se não atrevem approximar-se; elles desejaõ, elles esperaõ, elles temem, sem que conheçaõ a verdadeira causa de tudo isto: se depois de tudo elles experimentaõ alguma cousa de extraordinario, dizem, que advinharaõ; se elles tem tido um – presentimento – do que tem succedido, eis uma inspiracão; chimera esta, de que com difficuldade se podem livrar os que se não tem familiarizado com um certo raciocinio, que eu chamarei – frio, – isto é, com este modo de raciocinar, que separa as imagens, apresentadas pela imaginacão. E' bem natural, que aquelles, que se occupaõ muito do futuro, se contentem com a representação dos acontecimentos futuros, sem reparar nas causas, que podem produzil-os, e em a natureza destas causas, para julgar da probabilidade aqui a imaginacão não faz mais que pintar. Eu voluntariamente compararia estes homens, applicados a advinhar o futuro, com os que, fixando os olhos sobre um ceo coberto de nuvens, crêm descobrir nelle figuras de todas as especies; quando taes figuras só existem na sua imaginacão.

Commetteriamos tambem um erro mui grosseiro, se acreditassemos ter um – presentimento, – todas as vezes, que um acontecimento, que se teme, ou que se espera. vem a succeder se um homem só vive nos momentos, em que espera viver, não se deve crer, que tem tido algum – presentimento, – se, entre uma multidão de conjecturas frivolas, elle tem advinhado uma vez.

Os extremos se assemelhaõ algumas vezes: direi daquelles, que constantemente apartaõ de seu espirito o futuro, o mesmo, que tenho dito daquelles que com elle muito se occupaõ; se resta na sua alma uma representacão confusa d'um acontecimento futuro, apezar dos cuidados, a que se entregaõ a fim de afastal o, não devem chamar a isto – presentimento –

Chamo – presentimento – a representação d'um acontecimento futuro cujas causas producentes são ou obscura, ou claramente percebidas e que um sentimento interior faz, que nós o encaremos. como proximo algumas vezes o temor algumas vezes a esperança, algumas vezes mesmo a indifferenca acompanha este sentimento Este estado se distingue daquelle, em que se prevê um acontecimento, por meio de um conhecimento exacto do presente, pouco mais ou menos, como a esperança frivola do jogador, o qual confia, e espera um golpe feliz dos dados, se distingue da esperanca bem fundada d'um habil jogador do xadrez, que conduz o seu adversario, para onde quer. No xadrez o habil jogador pode dar a razão pela qual se persuade poder ganhar nos dados o jogador não pode conhecer se o acaso lhe dará o lanço, que elle deseja.

E' mui facil adquirirmos uma idea do modo, porque nossa alma póde presentir o futuro. A alma é uma força representativa do universo com relação a o logar, que nelle occupa. figura-se-lhe uma multidão de acontecimentos possiveis; estes possiveis para serem actuaes, tem necessidade de serem determinados de todo o modo, e as determinacões devem ter causas, que as produzaõ A' alma se representaõ, é verdade, muitas causas differentes; mas estas causas podem ser sufficientes, ou insufficientes.

Para distinguil-as, não temos mais, que um certo calculo de probabilidade, que algumas vezes fazemos com muita promptidão e mesmo imperceblidamente. As causas clara ou obscuramente percebidas fazem impressão sobre nós; ellas determinaõ o grão de fé, que damos á especie de prediccão, que nós mesmos formamos Esta impressão nos não deve parecer estranha: não nos succede, quando dormimos, sermos vivamente tocados, e, mesmo depois de acordados, crermos, que realmente existe o que temos visto em sonhos?

Quantas representacões obscuras e confusas não obraõ sobre nós! mil obstaculos empedem, que ellas não venhaõ a ser claras e destinctas: sensacões mui vivas, uma meditacão profunda, uma idea, que occupa o espirito. tantas outras rasões fazem com que se desvanecaõ representacões mui claras, obscurecendo-as intervallos de tranquillidade poderáõ talvez dar-lhes a luz necessaria; mas se estes intervallos forem curtos, isto não será mais que um quadro, que passará rapidamente: que sera visto, e que apenas será lembrado e que uma noite profunda nos occultará de novo. Entretanto, estas representações, que não tem sido claramente percebidas, ou que o tem sido em um momento. obraõ sobre nós, ás vezes mesmo com uma forca espantosa; será necessario allegarmos exemplos? Fallai de espectros ás almas fracas, ou a um poltrão, que deve deitar-se só em um logar deserto: ide, por deshonra do genero humano, ouvir alguns máos sermões, e vós vereis esses espiritos feridos, espantados, amedrontados, vendo o triste espectaculo das fraquezas do espirito humano. Quando se desvanece a impressão forte, a alma fica, como um homem, que acorda o qual se não lembra do sonho, o que teve, se não com imperfeicão; renasce a tranquillidade Mas, se uma igual impressão tem sido acompanhada da idea d'um acontecimento futuro proximo ou apartado, então a alma conserva um sentimento de esperança, ou de temor, segundo for este acontecimento, digno de desejo, ou de temor.

Logo que temos a representacaõ d'um acontecimento, no qual temos maior ou menor esperança, sem que se possaõ dar outras rasões desta esperanca, se não a esperanca mesma, ou o sentimento de temor ou de esperança, que o acompanha, então temos isto, que se chama – presentimento –. – O presentimento – comeca, onde a alma deixa de prever, raciocinando; onde o espirito cessa de ver com uma certeza moral.

O futuro não é inteiramente occulto ao homem no tempo em que elle raciocina; tambem o não é ao homem, quando elle não raciocina; aquelle, que raciocina, vé algumas vezes na ligacão do passado com o presente o que virá ainda a ser presente se elle visse com certeza completa, elle o veria com um grão de clareza superior, elle conheceria os differentes anneis d'uma parte da cadeia immensa dos futuros contingentes; e se é Deus mesmo, quem, obrando sobre sua alma, lhe revela o futuro, ainda o menos verosimil, elle seria um propheta inspirado pelo Espirito-Santo. Mas o homem, intregue ás suas faculdades naturaes não póde conhecer deste modo o futuro. Reduzido a conjecturas, por falta de conhecer perfeitamente o passado e o presente, elle não tem mais que esta previdencia humana, tão capaz de enganar-nos.

O homem, que raciocina, cercado de representacões confusas não tem mais que um sentimento confuso d'um acontecimento possivel; e se este sentimento é o effeito de idéas, que representaõ as verdadeiras causas deste acontecimento, este acontecimento deve succeder necessariamente.

Compararei mui voluntariamente o – presentimento – com o que se chama – sentido moral, – como tambem com o que chamamos – tacto – nos negocios de gosto, destreza, habilidade e talento, em relacão á execucão eu me explico Ordinariamente julga-se da moralidade das acções por um sentimento confuso, mais vivo, e mais frequente em uns, que em outros; segundo que as ideas claras sobre a natureza, a importancia e a necessidade de nossos deveres tem sido mais ou menos presentes ao espirito; e tem feito nelle maior ou menor impressão. Se estas ideas tiverem sido retraradas em nossa alma, a impressão não poderá apagar-se della, ella renasce em toda a occasião é uma voz baixa, mas tão conhecida, que se distingue com facilidade; é a presença d'um amigo, que com uma vista d'olhos nos descobre o seu pensamento Este sentido moral é fraco nos homens, que tem pouco pensado em seus deveres; os motivos, que devem mover-nos a observal-os tem sido raras vezes percebidos, ou o não tem sido, se não com correctivos, que tem destruido uma parte de sua forca; elle é fraco nos homens que tem encontrado na virtude essa belleza, e essa grandeza que o homem honesto encontra sempre nella, nem no vicio essa fealdade, e essa baixeza, que revoltaõ uma alma bem formada; ou não tem havido impressão favoravel ás boas acções, ou se tem existido, ellas são fracas O mesmo succede com pouca differenca áquelles, que tem – presentimentos; – acostumados a occuparem-se dos acontecimentos futuros; tendo talvez observado, que certas causas tenhaõ muitas vezes certos effeitos levados talvez a crerem, que aquillo, que elles desejaõ, ou temem muito, succederá de certo; talvez julgando sempre daquillo que os outros homens farão por meio d aquillo que elles mesmos tiverem feito, é-lhes natural escolher, entre os acontecimentos possiveis; e esta escolha é logo acompanhada da persuasão, de que elles tem advinhado bem.

Tenho dito, que mesmo podia-se comparar o – presentimento – a o que se chama destreza, e habilidade.

Com effeito, um habil obreiro obra, e trabalha algumas vezes sem estar em estado, nem de se explicar a si mesmo, nem de explicar a os outros o que é necessario fazer para chegar á esta perfeição, á que elle tem chegado nas obras, que sahem de suas mãos: são representações, umas vezes confusas, outras obscuras, que o guiaõ; é a primeira vista, o rasgo do pincel, ou do buril, thesouro do habito, que tem dado fim a essas obras primas, que admiramos.

Mas nessas obras o que as admira, como vem a perceber muitas vezes as perfeicões, e as bellezas, que nellas se encontraõ? Não fallo dessas bellezas que o conhecimento da arte nos põe em estado de analysar, e que mesmo é necessario saber a fundo para conhecel-as, mas daquellas, cuja razão nos é mui difficil dar: é isto o que se chama – tacto –, é este gosto, que dirige o escriptor na escolha de suas expressões, que faz discernir immediatamente o grande do empolado, e do baixo o que é simples e natural.

Em fim (e isto é mais uma comparacão, que eu só pretendo indicar) o juizo que se tem sobre os motivos de certas acções, não é muitas vezes fundado se não sobre ideas confusas: juizes habeis, homens, que conhecem o mundo, advinhaõ a verdade em vez de descobri-la: é uma vista penetrante talento dos grandes politicos, que revela os misterios, e esta vista é o negocio d'um momento.

Penetrar o futuro com uma seria reflexão sobre nós mesmos é o que se chama – presentir. – Mas que diremos dessa especie de – presentimento, – pelo qual não esperarmos nem o bem, nem o mal, mas que nos põe em um estado, não ordinario, de temor, ou de esperança, cuja rasão não sabemos dar? Ha poucas pessoas, que se não encontrem em uma igual situação: não ha muitas vezes nada, que devamos recear, ou esperar, e com tudo um temor secreto perturba o nosso repouso. uma alegria inesperada se eleva em nossa alma. Eis como eu me explico este phenomeno.

Ha homens, que nasceraõ com um tão grande grão de sensibilidade, que a menor cousa os affecta. Estes homens são espiritos delicados, se posso dizer assim, a quem é tão natural o serem affectados, que mesmo as representações obscuras os agitaõ: para estes homens o viver, e pensar não é mais que temer e esperar.

Uma causa mais frequente, e mais conhecida desta especie de – presentimento – se encontra no corpo Logo que temos gozado por bastante tempo d'uma boa saude, e d'um uso livre dos orgãos, algumas obstruccões nos vasos, ou uma fraquesa nas molas do movimento afroxando a acção, ou rendendo-a mais penosa são mui capazes de inspirar uma especie de temor esta indisposição vém a ser insupportavel pela comparação, que se faz do estado presente com o estado preterito; esta situação nova para nós, nos inquieta, e nós nos não damos ao trabalho de procurar a razão do nosso desassocego. E' assim que estes corpos sensiveis, que soffrem com a approximacão do inverno, poderiaõ tomar por – presentimento – este estado de desassocego, se elles o não experimentassem tantas vezes, e se a causa disto lhe não fosse conhecida. O contrario succede a esses homens fracos, e adoentados, ou a quem as longas doenças tem ensinado a soffrer; se elles recobraõ a saude, se á este estado de dor succede um estado de convalecença: elles experimentaõ o q' tinhaõ quasi esquecido; este sentimento de alegria e de contentamento é o primeiro passo que elles fazem para as esperanças lisongeiras; os acontecimentos possiveis, que se apresentaõ a o seu espirito, não podem parecer verdadeiros, se não forem agradaveis: e a alegria, que está no seu coração é mui propria para fazer nascer nelles os – presentimentos, – que lhes causaõ praser. E sobre tudo na passagem rapida do mal ao bem, da enfermidade á saude, que este estado do homem, que espera o bem ou o mal, vêm a ser mui natural, sem que se conheça a causa disto.

(Traduzido)

COMPANHIA DO BEBIRIBE.

O Conselho Deliberativo da Companhia convida aos Srs. Accionistas para se reunirem hoje desanove

do corrente pelas 9 horas do dia, na Caza da Sociedade Apolinea, a fim de se proceder a eleição do novo Conselho Deliberativo, e de lhes apresentar o relatorio dos trabalhos da actual; na forma do art. 9 e 10 § 8 dos Estatutos.

Bento José Fernandes Barros,
1. Secretacio.

Avisos Diversos.

☞ Quem tiver uma negra que queirá alugar por mez, dirija-se a fora de portas venda D. 17.

☞ A parda de idade que se offerece para ama de casa de um homem solteiro, dirija-se a rua da Cadeia loja de fazendas n. treze.

☞ Na rua da alfandega velha, continua-se a concertar toda a qualidade de caixas de musica, realejos, afina-se orgãos de Igreja, e vai-se a qualquer casa sendo preciso, e compra-se realejos uzados, e se faz pentes travessa de tartaruga.

☞ Precisa-se de 300,000 a premio de dois por cento ao mez, dando-se boa firma; quem quiser dar annuncie.

☞ Precisa-se de 4 molatinhos, sendo 3 de 10 annos de idade, e o outro de 16 annos; na ruo do Aragão loja de sapateiro, ou annuncie.

☞ Arrenda-se um grande sitio logo no principio da estrada do arraial, tendo boa casa de vivenda e differentes fructas; os pretendentes dirijão-se a rua de S. Gonsalo Decima 11.

☞ Precisa-se de dous contos de réis a juros de um e meio por cento ao mez, hypothecando por segurança predios nesta praça sem embaraço; quem quiser dar annuncie.

☞ No armazem de socar assucar, na rua da senzala velha defronte da padaria do Snr. Durão, existe uma porção de barricas com assucar branco fino, e mascavado superior, os pretendentes dirijão-se ao mesmo.

☞ Aluga-se uma casa no bairro de S. Antonio nas seguintes ruas; hortas, agoas verdes, direita, trincheiras, e no pateo do Carmo com prefferencia; na rua da Gloria Decima 12.

☞ Precisa-se de um portuguez de assento que tenha capacidade para ser caixeiro de engenho; na pracinha do Livramento loja de fazendas D. 33.

☞ A pessoa que annunciou querer comprar prata, e ouro velho, dirija-se a rua da Cruz n. 60 no segundo andar.

☞ Uma pessoa que escreve bem se offerece a qualquer Snr. Advogado que delle se quiser utilisar; annuncie.

☞ Precisa-se de uma preta fiel, que entenda de vender na rua; quem a quiser alugar annuncie

☞ Retalha-se um terreno por venda em S Amaro, com 1140 palmos de fundo; os pretendentes dirijaõ-se a rua do cabugá loja de cera.

☞ Alugão-se duas casas de taipa no lugar da capunga baixa; na pracinha do Livramento D. 36.

☞ Precisa-se de uma mulher forra, que seja fiel, e saiba cozinhar, e coser; somente por dous mezes. e paga-se bem: na pracinha do Livramento D. 36

☞ Precisa-se de um pequeno sitio perto da praca, com casa para pequena familia, e que tenha alguns arvoredos de fructo; quem tiver annuncie.

☞ Quem lhe convier dar 300,000 para receber em tijolo de alvenaria posto na obra até fins de Fevereiro, dirija-se a rua nova loja de Ferreira & Braga; adverte-se que o tijolo he bom, e o preço muito enconta.

☞ Constando que fora preso no engenho Catende, pelos moradores do lugar, um escravo, roga-se ao Sr. do dito engenho, ou a pessoa, que o tem recluso de ver se o dito escravo tem os signaes seguintes; representa ter 20 annos, tem na testa uma carreira de cabombinhos, com os mesmos nos peitos, um pedacinho tirado na orelha esquerda, em um dos peitos uma mancha branca, meio fullo, sem barba, estatura regular, e bastante bugal, sendo pois pela firmativa, pede-se o obsequio de o remetter a esta praca a rua estreita do Rozario no terceiro andar do sobrado D. 28, onde alem de toda a despeza, promette-se gratificar ao apprehendedor

☞ Na rua da Aurora casa D. 3, faz-se jantares para fora, com todo asseio e preço commodo, assim como toda qualidade de massas; na mesma casa se aceita algum escravo para aprender a cozinheiro, e ensina-se com brevidade.

☞ Precisa-se alugar. um sobrado de um andar, ou algum andar não sendo em ruas exquisitas; quem tiver annuncie.

☞ Precisa-se de 400,000 a juros, com boa firma; quem quiser dar annuncie.

☞ A parda forra de idade, e de boa conducta, cozinheira, e engommadeira, conforme annunciou querendo servir a um homem casado sem filhos, dirija-se a loja do Sr Bandeira na rua do cabugá, que dirá com quem deve tratar.

☞ Na rua do Rangel no segundo andar do sobrado que fica defronte da casa que foi os diversos recebimentos, precisa-se alugar um preta forra ou captiva.

Avisos Maritimos.

PARA O RIO DE JANEIRO com toda brevidade, por ter parte de sua carga prompta, o bem conhecido e velleiro Brigue Bom Jesus, do qual he Capitão João Rodrigues Amaro; quem quiser carregar, ou ir de passagem para o que tem excellentes commodos, dirija-se a Gaudino Agostinho de Barros, pracinha do Corpo Santo D. 67, ou ao Capitão a bordo.

PARA LISBOA; o Brigue Portuguez S. Domingos, sahe no dia 20 do corrente o Consignatario roga a os Snrs que carregarão no dito Brigue, tenhaõ a bondade de levar os conhecimentos na rua da senzalla no armazem de João dos Santos Porto, a fim de se conhecer os manifestos.

Leilão

☞ João Stewart, Consignatario da Barca Ingleza Mary Charlotte-Weber, arribada a este porto, tendo de dispor de parte da carga da mesma Barca para o seu costeio, e concerto que necessariamente tem de fazer neste porto; faz Leilão, por intervenção do Corretor Oliveira Quinta feira dezenove do corrente ás dez horas da manhã em ponto, no seu armazem da rua da Cruz, de um grande sortimento de fazendas francezas a saber — bezerro para calsado, chitas encarnadas, chapeos de sol de seda para senhora, e para homem, ditos de pello superior para homem, cobertores de algodão candieiros de latão, quinquelherias de porcelana fina, cremor de arroz, e agoa de alfazema.

Compras

☞ Apolices da extincta Companhia de Pernambuco, e Parahiba; na loja de Francisco José Pereira Braga.

Vendas

☞ Folhinhas de algibeira; contendo alem do Kalendario, &c., a confissão do marujo, e um dialogo entre um Algaravio e sua Maria; a 240 réis cada uma; Ditas de dita, dita, dita com anedoctas, historias, bons dictos &c a 240; ditas de porta divididas em semestres, a seis vintens o anno; ditas Ecclesiasticas a pataca; na praça da Independencia loja de livros n. 37 e 38 na rua do cabugá loja do Sr Bandeira, no bairro do Recife na rua da cadeia loja que foi do Snr. Quaresma; defronte da Igreja da Madre de Deos venda da quina do beco do azeite de peixe; defronte da Matriz da Boa vista botica do Sr. Joaquim José Moreira; e em Olinda. Botica da rua do Amparo.

☞ Dous escravos moços, optimos para todo o serviço, uma molata de 20 annos, com bom leite para criar uma criança, cose, engomma, uma preta moça, faz todo o serviço de uma casa, um molato bom official de sapateiro, e optimo para pagem; na rua de agoas verdes casa terrea D. 37.

☞ Uma casa terrea sita na Boa vista, rua do cotovello D. 3, bem construida, sala forrada, chãos proprios; a tratar na rua do caldereiro por detraz dos Martirios D. 30.

☞ Uma espingarda de dous canos, fluminante, patente, trancada em caixa, com todos os seos pertences, e utencilios; na rua da Cruz n. 44.

☞ Champagnhe Ay, sauterne claisette caloison, chateau laffitte, chateau margeaux, St Julien, medoc, chambertin cognac, conservas de vinagre, ditas de fructas da europa, ervilhas, sardinhas, mustarda, franceza, truffes, vinho do Porto, de Xerres azeite doce de superior qualidade, copos de cristal, apparelhos de procelana para chá tudo a preço barato; na rua da cadeia velha D 17 no primeiro andar casa de A. Hosch.

☞ Sal do Assú, grosso, a bordo do Brigue Paquete de Pernambuco fundiado na lingoeta, por preço commodo; a bordo, ou no armazem de Francisco José Braguez, das 8 horas as duas da tarde.

☞ Uma marqueza nova de conduru' por preco commodo; na rua do Alecrim casa junto onde morou o Sr. Barata.

☞ Um escravo creoulo, bom official de sapateiro, de idade de 25 annos, ou troca-se por uma escrava, que tenha algumas habelidades; na rua da Gloria D 12.

☞ Um sitio em S. Amaro, com portão na estrada, casa de pedra e cal, com 4 quartos, duas sallas, e cozinha, boa agoa de beber, muitos arvoredos de fructo de todas as qualidades: a tratar na rua nova D. 19 com João Baptista Claudio Tresse.

☞ Uma venda nas 5 pontas D. onze, com bons commodos para familia, a dinheiro, ou a praso com boas firmas; a tratar na mesma

☞ Um optimo boi de carro a, creoulo, e novo; no principio da estrada do arraial a fallar com Francisco Antonio Ramos.

☞ Presunto do Porto em calda, no armazem de Antonio Joaquim Pereira, no caes da alfandego, a libra a 160.

☞ Na rua da Madre de Deos armazem de couros n. 20, caixas com 6 garrafas com vinho do Porto de superior qualidade, e por preco commodo

☞ Uma negra moça, recolhida, de nacão, e de bons costumes; na rua do crespo loja D. 4 se dirá.

☞ Uma casa terrea sita no pateo de S. Pedro lado da viração; quem a pretender dirija-se a loja de fazendas de Manoel Joaquim da Silva nos quatro cantos da rua do Queimado; na mesma casa se achão a venda duas requissimas carteiras de costuras de senhora, uma de xarão, e outra de sandro marchetado de prata e marfim, ambas da India.

☞ Na rua da moeda armazem defronte da casa da moradia do Sr. Braga velho em pipas, barris, e garrafoens o superior e ja muito conhecido e approvado vinho do sanguinhal, como o melhor, que vem de Lisboa, por preco commodo, e se declara, que os que o comprarem para fora desta provincia lhe custa menos sette mil e duzentos réis do consumo pagos a ahida da alfandega.

☞ Caffé da primeira qualidade, muito novo, e de cor verde; no armazem do Braguez junto ao arco da Conceição

☞ Dous negros, mocos de nacão, e optimos para todo o servico, tres negras, mocas, sem vicios nem achaques; no atterro da Boa vista loja de ferragem junto a Matriz

☞ Superior rapé de Lisboa ultimamente chegado no Brigue Olinda a 3 00 a libra, caixoens com barretinas a pastora com plumas para senhora uma porcão de barricas vazias proprias para assucar, uma porção de garrafas de agoas das caldas do Gerez; esta agoa hoje tão conhecida na europa pela sua virtude obrigou os especuladores a mandarem para este e para outros portos deste Imperio, por isso recomenda-se o seu uzo a aquellas pessoas que padecerem impachacoens de estomago, pois que ella tem a particularidade de ser um dos melhores degestivos; quem pretender algum destes objectos dirija-se ao escriptorio de Antonio José de Magalhães Bastos no largo do Collegio casa pintada de amarello.

☞ Uma casa na solidade junto ao sobrado da viuva do Martins, tendo um grande quintal, com alguns arvoredos de fructo, cacimba, com terreno murado na frente, que se pode edificar duas grandes casas; na rua de S Gonsalo D. 1.

☞ Rapé de Lisboa ultimamente chegado, em libras e as oitavas, e ditos de outras qualidades, chá perola em lata, dito isson, e a retalho superior, cartas finas francezas, ditas portuguezas, caixas de tartaruga, fitas de garca a setinadas muito bonitas; na rua do cabugá loja do Sr. Bandeira e Mello.

☞ Quatro muleques de nação, de idade de 12 a 16 annos, de bonitas figuras, sem vicios nem achaques tres escravas de nação, de idade de 13 a 20 annos, fazem todo o servico de uma casa, uma dita engommadeira, e cozinha mui bem, um moleque de idade de 24 annos, todos estes escravos se dão a contento: na rua de agoas verdes D 38.

☞ Duas escravas, uma criola de bonita figura, de idade de 20 annos, engomma bem liso, cozinha o diario de uma casa, cose chá, e lava roupa; na rua direita D. 20, lado do Livrameneo

☞ A posse de 50 palmos de um terreno alagado no seguimento da rua da Aurora pagando de foro 10 réis o palmo, tendo 1500 de fundo, todo ou em pequenas porçoens; a tratar na rua de S. Gonsalo D. 1.

☞ Um optimo escravo canoeiro, e oleiro de telha e tijolo; um selim inglez em bom uzo com seus arreios; na pracinha do Livramento D. 23.

☞ Na pracinha do Livramento loja D. 54, um completo sortimento de facas e garfos de marfim, ditas de osso, finas e entre finas, canivetes finos para pennas, tisouras finas para unhas, bandejas grandes e pequenas espingardas de espoleta a 35 0, e outras muitas coisas por menos preço de que em outra qualquer parte

☞ Superiores Charutos da Cachoeira em caixa de 250 por 4000; na rua do Cabugá loja do Sr. Bandeira.

Escravos Fugidos

☞ Fugiraõ do Engenho Machado no dia 11 para 14 do corrente dous escravos pardos, um por nome Antonio cor afaloada, cara larga, cabello caxeado, boa estatura e cheio do corpo, e uma profunda cicatriz d'um tiro no braço direito, e outro por nome José, cara redonda, e bastante marcada de bexigas, baixo, grosso, e pés algum tanto enxados, levaraõ bastante roupa, e um chapéo de palhinha fina; o primeiro foi escravo de José Theodoro, de cujo poder andou fugido 4 annos, servindo como forro em varios batalhões da G Nacional na qualidade de corneta, no que he habil; e o segundo foi escravo de Antonio Joaquim do Araújo, morador no lugar da Telha, villa do Queixaramobim roga-se a todos os Commandantes de G N. a quem o dito escravo haja de se ir offerecer para o exercicio de corneta, e igualmente as Authoridades Policiaes ou outra qualquer pessoa que encontre os sobreditos escravos hajaõ de os apprehender, é conduzil-os ao referido engenho, ou nesta Praca á casa de Pedro Ignacio Baptista, praca da Boavista, que se acha authorisado para satisfaser toda a despesa, e recompensar generosamente.

☞ No dia 15 do corrente fugio um moleque de nome Antonio, de idade de 16 annos, secco do corpo, bem retinto cambado das pernas para dentro não muito, he bastante ladino levou vestido calsa e camisa branca, e sem chapeo; quem o pegar leve a rua da Cruz n. 11, que será recompensado

☞ Desappareceo uma negra creoula de nome Ursula, de idade de 14 annos, pouco mais ou menos, alta do corpo, as juntas dos pés inchadas, com um talho na testa do lado esquerdo; quem a pegar leve a trempe na venda em baixo do sobrado do Snr. Guimarães, que será recompensado.

☞ Roga-se a os Snrs. Sub-Prefeitos, e mais authoridades desta e mais comarcas, e pessoas particulares, que souberem ou virem uma negra da costa de nome Josefa (se não mudou de nome) de idade de 34 annos, altura regular, secca do corpo, cor fulla, nariz chato com uma marca de ferro de sua terra em cima, um dedo grande alejado em uma das mãos pés pequenos, costuma intitular-se por forra; quem a pegar leve ao atterro da Boa vista n. 4, que será recompensado.

Movimento do Porto

NAVIOS ENTRADOS NO DIA 17.

ASSU'; 9 dias, Brigue Nac. Paquete de Pernambuco da 80 tonel., M. Manoel José de Azevedo Santos, equip 16, carga sal; a Leopoldo José da Costa Araujo.

SAHIDOS NO MESMO DIA

MAMINS; Galiota Holandeza Henderika, Mestre J H Phekhir, em lastro, passageiros os Hamburguezes João D Ramom, e Pedro Henrik Holtu.

ENTRADO NO DIA 18.

MACEIO'; 3 dias, Brigue Nac. de Guerra Nyctheroy, Commandante o Capitão Tenente Antonio Conrado Sabino, conduz 60 praças do corpo policial incluindo neste numero 6 Officiaes.

SAHIDOS NO MESMO DIA.

HALIFAX Brigue Inglez Louise, Mestre William Bolby, carga couros

MARANHAO; Brigue Escuna Nac Carolina, M Francisco Bernardo de Matos, carga varios generos; passageiro o Padre Marques Antonio Gonsalves.

OBSERVAÇOENS

No dia 17 sahio para o sul o Paquete Inglez Skylark, passageiros os mesmos que trouxe do Norte

No dia 18 sahio para acabar de carregar no lameirão a Barca Ingleza Lord Cochrane, e depois segue para Liverpool.

RECIFE NA TYP. DE M. F. DE F. — 1839

ILEGÍVEL